

} 1.32

# Álvaro Ribeiro e a Escola Portuense

A memória do Mestre (Leonardo Coimbra)  
e a evocação do seu pensamento  
filosófico-religioso  
(Filosofia, Matemática e Metafísica;  
Metafísica, Poesia e Religião)

Manuel Guedes da Silva Miranda\*

"(...) segundo Platão, é preciso ir para a verdade com toda a alma, e, segundo o conceito bíblico, a grande inteligência nasce no coração (...)."

D. António Ferreira Gomes – Bispo do Porto<sup>1</sup>

\* Universidade Católica Portuguesa – Braga.

<sup>1</sup> Gomes – Bispo do Porto, D. António Ferreira, "Homilia do Dia da Paz/1973", in *Paz da vitória ou paz da justiça?*, Livraria Telos Editora, Porto, D. I. 1973, pp. 23-45 (31).

## Breve introdução

Na primeira parte do Livro Primeiro da sua obra *Memórias de um Letrado*<sup>2</sup>, que intitula “Iniciação Filosófica”, começa por escrever, Álvaro Ribeiro: “No protocolo, isto é, na primeira folha deste livro de memórias, seja lícito ao autor evocar a figura de Leonardo Coimbra, mestre, didacta e educador”<sup>3</sup>.

E se assim referencia, sumariamente, aquele que foi seu Mestre inolvidável e a Escola a que se reporta como seu fundador, a razão que o leva a tanto deixa-a, desde logo, bem expressa, no texto que toma como rubrica face a toda a obra e que cita do livro de Leonardo Coimbra *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental*: “*Admirar um alto espírito é amá-lo, trazê-lo na melhor companhia das nossas almas; de modo que, no calor dessa companhia, exaltemos os nossos valores espirituais*”<sup>4</sup>. E assim se compreende que, primordialmente, constitua lenitivo do discípulo a premonição que assume, citando La Bruyère, como que garantindo o propósito fundamental de toda a sua obra, na revivência do Mestre e da Escola – Leonardo Coimbra e A Escola Portuense: “*Il est bon d’être philosophe; il n’est guère utile de passer pour tel*”<sup>5</sup>.

Com esta tomada de posição, se, à partida, nos sugerimos como referência imediata o tema Álvaro Ribeiro e a Escola Portuense – A memória do Mestre (Leonardo Coimbra), impomo-nos, desde já, também, como propósito sequente e coerente, a referência do seu pensamento filosófico-religioso (Filosofia, Matemática e Metafísica; Metafísica, Poesia e Religião).

Concluindo, permitir-nos-emos, ainda, *Ad Memoriam*, uma breve palavra de sincero reconhecimento pelo simpático convite que nos foi dirigido pela Faculdade de Teologia e pelo Centro de Estudos do Pensamento Português (CEPP), do Centro da Católica do Porto, facultando-nos, assim, a elaboração, se bem que à nossa medida, do presente trabalho.

<sup>2</sup> Ribeiro, Álvaro, *Memórias de um Letrado*, Vols. I, II, III, Guimarães e Ca. Editores, Lisboa, 1977 (I), 1979 (II), 1980 (III). Citando esta obra, usaremos, apenas, a expressão O.C (Obra Citada). Citando os volumes, indicaremos, somente, os números (I, II ou III). Citando, em sequência, o mesmo volume, usaremos a expressão Idem (Id.). Citando, em sequência, a mesma página (p.) ou as mesmas páginas (pp.), usaremos a expressão *Ibidem* (*Ib.*).

<sup>3</sup> O. C., I, p. 11.

<sup>4</sup> O. C., Id., *Ib.*, “O Pensamento Filosófico de Antero de Quental – Porto, 1923, Pág. 8”.

<sup>5</sup> O. C., Id., p. 7.

## 1. Álvaro Ribeiro e a Escola Portuense – A memória do Mestre (Leonardo Coimbra)

A nosso ver, uma das referências mais significativas de Álvaro Ribeiro sobre o Mestre é, exatamente, a seguinte: “Foi numa dessas sessões comemorativas do 31 de Janeiro de 1891, realizadas no Centro Republicano Democrático do Porto, situado na Praça de Carlos Alberto, que, pela primeira vez, ouvi o verbo inspirado, fogoso e ardente de Leonardo Coimbra”<sup>6</sup>. E, mais adiante, ao iniciar o Livro Segundo, sob o tema “Aspectos da personalidade de Leonardo Coimbra”, sobreleva: “Em vez de obedecer aos preceitos tradicionais da retórica, ensinados na escola clássica, Leonardo Coimbra falava segundo a motivação estilística do próprio pensamento, sem artifícios preconcebidos, nem adornos pragmáticos (...). Nota-se no rosto, na voz e no gesto (...) o esforço de a cada momento inventar a expressão e criar o pensamento, – se nos é lícito dizer assim, – uma oratória de ideias inatas, ali natas, ali nascidas, por singular espírito platónico”<sup>7</sup>). De facto, “*Pensar as palavras*: eis o que distinguia e sobrepunha a eloquência de Leonardo Coimbra, acima dos discursos de quantos oradores que não faziam mais do que repetir frases comuns aos ouvintes”<sup>8</sup>. Garantindo que “Entre os professores da Faculdade de Letras da Universidade do Porto era, sem dúvida, Leonardo Coimbra, o primeiro orador”<sup>9</sup>, é sua convicção, que, “Embora no primeiro quartel do século XX, tivesse estado, como nunca mais, florescente a eloquência portuguesa, e fossem justamente encomiados os oradores notáveis, certo é que, para a maioria mais exigente e mais inteligente, era, Leonardo Coimbra, considerado a figura primeira”<sup>10</sup>. E mais ainda: “A oratória de Leonardo Coimbra ‘causava impressão’ comparável a um foco de luz que tanto pode encandear os olhos, e situá-los na penumbra, como permitir a visão clara e descoberta. Muitos confessavam não ter entendido nada do que o orador disse, mas sentirem como que uma levitação que os aproximava dos mais belos e queridos ideais”<sup>11</sup>. E

<sup>6</sup> O. C., Id., p. 13.

<sup>7</sup> O. C., Id., pp. 104-105.

<sup>8</sup> O. C., Id., p. 105.

<sup>9</sup> O. C., Id., p. 113.

<sup>10</sup> O. C., Id., p. 112.

<sup>11</sup> O. C., Id., 110. E é, com efeito, este mesmo *élan* que, no testemunho do próprio Leonardo Coimbra, citado por Álvaro Ribeiro, justificou, afinal, a concretização do seu grande sonho como Filósofo e como Mestre: “Concebi uma escola de filosofia para onde a atracção da beleza chamasse as almas incertas da gente moça do meu país. Eu quis hospedar na Universidade Portuguesa, casa cerimoniosa e pesada, a própria Alegria, para que uma manhã os claustros ressoassem ressurreição e vida, como se a primavera tivesse metido pelas janelas partidas, ramos de flores, frescura, cor, alacridade” (O. C., III, p. 33 – Nota “(1) Leonardo Coimbra – *A Questão Universitária*. Lisboa, 1919”). E

por isso se compreende que, desde a referida sessão comemorativa do 31 de Janeiro, Leonardo Coimbra tenha ficado tão bem referenciado na alma do jovem Álvaro Ribeiro.

Mas, se assim na oratória, assim na filosofia. Nas suas palavras, "Só por ter ocasião de aprender, com Leonardo Coimbra, que a análise política depende da síntese filosófica, ou de que existe algures uma verdadeira filosofia política, fiquei para sempre grato à pessoa da minha família que, para temperar o meu extremismo, me levou à sessão comemorativa do 31 de Janeiro"<sup>12</sup>. Foi-me dado "ali reflectir sobre a subordinação da política à moral e à ética, (...) e a meditar, também, sobre quanto as questões sociais dependem, consciente ou inconscientemente, da especulação filosófica"<sup>13</sup>.

E, a par do orador, se realça, Álvaro Ribeiro, o filósofo e o filósofo-político, não deixa de evidenciar, em simultâneo, a estirpe ímpar da sua personalidade: "A personalidade de Leonardo Coimbra era conhecida, discutida e admirada por grande parte da população civil do Porto, e muitos eram os adultos instruídos e os adolescentes estudantes, que acorriam, nas ocasiões propícias, a ouvir o extraordinário orador"<sup>14</sup>. Uma personalidade que conciliava, afinal, quer a elevação insuperável, quer, em simultâneo, a proximidade exemplar com os seus ouvintes, alunos, discípulos e contertúlios. Com efeito, "Caracterizado por uma generosidade imensa, que é uma das mais raras virtudes humanas, Leonardo Coimbra mostrava-se sempre disposto a dar a sua palavra, o seu pensamento, a sua ciência a quantos lhe solicitavam o cumprimento desse dever social (...) "<sup>15</sup>. Altruísta, por essência, "Dir-se-ia que nunca ninguém, como Leonardo Coimbra, seguira tão perfeitamente o lema escatológico de Augusto Comte: '*Vivre pour autrui*'. Seja-nos lícita a tradução pessoal: *Viver para outro eu*. Efectivamente, (...) vivia muito mais para outrem do que para si próprio (...) "<sup>16</sup>.

como prova da concretização do sonho do Mestre, não resistimos, também, obviamente, ao testemunho de Álvaro Ribeiro, na sua memória como antigo discípulo: "Aqueles que tiveram a felicidade de ser alunos de Leonardo Coimbra, no liceu ou na universidade, e mais ainda aqueles que assíduos conviventes do mestre foram seus discípulos, puderam agradecer em testemunhos escritos, quanto ficaram a dever a tão alto educador português" (O. C., Id., pp. 113-114).

<sup>12</sup> O. C., Id., p. 22.

<sup>13</sup> O. C., Id., p. 14.

<sup>14</sup> O. C., Id., pp. 11-12. E testemunha, em relação a si mesmo: "Impressionado pela recordação excelsa da maravilha que é a oratória viva, recebida, directamente, da fonte misteriosa do génio, habituei-me a ir ouvir, quando possível, as sábias conferências, que Leonardo Coimbra realizava em associações e instituições várias, mas decidi-me, também, a convidar e a convencer os meus colegas a participarem de uma alegria que nos seria comum" (O. C., Id., p. 23).

<sup>15</sup> O. C., Id., p. 12.

<sup>16</sup> O. C., Id., *Ib.*

Face a tão significativo testemunho, tudo indicava que o encontro do jovem estudante com o futuro mestre não iria, com certeza, esperar muito. Ele próprio nos relata: "Influenciado e impelido pelo discurso do Mestre, logo naquele inverno memorável me apressei a comprar o livro *A Ideia de Deus*, assinado por Bruno. As primeiras páginas de estilo ameno e coloquial (...) eram apenas o prefácio atraente de uma série de capítulos cada vez mais complexos e difíceis acerca das relações entre a investigação científica e a especulação metafísica. Referido, constantemente, às teses de Amorim Viana, que eu então desconhecia, nem por isso me lançava um fio condutor que permitisse à minha pobre inteligência a sequência de um labirinto sem conclusão nem saída (...). *A Ideia de Deus* continua a ser um livro secreto, intencionalmente fechado, para despertar as curiosidades fúteis, assim capaz de resistir às melhores intenções da inteligência humana. Foi-me, pois, muito difícil estudar essa obra-prima, sem o auxílio benévolo de um bom explicador, com a demorada e reiterada leitura de algumas páginas, onde as palavras estavam transmutadas segundo as leis da cabala"<sup>17</sup>. Assim, e "Envolto nas perplexidades resultantes de comparar o livro de Amorim Viana [*Defesa do Racionalismo e Análise da Fé*] com o livro de Sampaio Bruno [*A Ideia de Deus*], sem o auxílio valioso e eficiente de alguém que respondesse às minhas perguntas filosóficas e religiosas, decidi-me a vencer a timidez, e a procurar o conselho, se não a lição, de Leonardo Coimbra"<sup>18</sup>. Inclusive, "Eu havia observado, depois de assistir aos discursos e às conferências das sessões solenes, que o Mestre se mostrava sempre afável e atencioso a quem lhe dirigia a palavra. (...) Decidi-me, portanto, a ir à sede da 'Renascença Portuguesa', onde o filósofo comparecia, regularmente, para assegurar o expediente da Revista *A Águia*, de que era director. (...). Ensinado por tradição a que a iniciativa do cumprimento deve sempre partir da pessoa mais jovem, em sinal de respeito (...), venci a timidez e apressei-me a dizer: – Boa tarde, senhor Doutor Leonardo Coimbra (...). – Boa tarde. Você não é meu aluno. Que pretende de mim? – Tenho ouvido vários discursos de V. Excia em lugares públicos. Desejaria, agora, que o Sr. Dr. tivesse a bondade de me prestar alguns esclarecimentos, porque estou disposto a 'tirar' o curso de filosofia na Faculdade de Letras. O Mestre respondeu-me, na sua elevada linguagem de serenidade poética, algo que posso recordar e traduzir nos termos seguintes: – A filosofia, meu caro amigo, não é um curso mas uma carreira. (...) Não é agradável a carreira de um filósofo. É uma via sacra, até ao Calvário. Deixe-se disso..."<sup>19</sup>. Desta forma,

<sup>17</sup> O. C., Id., p. 24.

<sup>18</sup> O. C., Id., p. 31.

<sup>19</sup> O. C., Id., pp. 31-33.

em que emerge, com clarividência, o Mestre, também assim se garante, afinal, pela franca empatia, o Discípulo! "Esta resposta contagiou-me de desânimo [confessa Álvaro Ribeiro!]. Ela devia ter motivação profunda e dolorosa na alma do mestre. Não me ocorreu à memória o exemplo de Sócrates; ignorava a biografia dos filósofos que morreram às mãos dos políticos; adolescente e inexperiente, não estava, eu, apto para induzir e generalizar ... Declarei-me disposto ao sacrifício"<sup>20</sup>.

Refere S. Tomás de Aquino, em *O Ser e a Essência* – era, então, também, jovem filósofo! –, que "Um pequeno erro no princípio é grande no fim, conforme diz o Filósofo [Aristóteles] no primeiro livro de *O Céu e o Mundo*"<sup>21</sup>. Mas, aqui, felizmente, mestre e discípulo, mereceram-se, mais uma vez! Como, de modo exemplar e perene, souberam merecer-se, Alberto Magno e Tomás de Aquino!

## 2. O pensamento filosófico-religioso de Leonardo Coimbra

### 2.1. Filosofia, Matemática e Metafísica

Considerando, pois, a filosofia "não (...) um curso, mas uma carreira" – como nos foi dado ver, no seu diálogo com Álvaro Ribeiro<sup>22</sup> –, para o Mestre, "Ela não parte de um princípio dogmático para deduzir a multiplicação das suas consequências e das suas aplicações. (...). A filosofia segue o processo inverso, pela acumulação de experiências mentais até à descoberta tardia de um princípio universal"<sup>23</sup>. Ao mesmo tempo, afiança que "Por muito habilitado que haja sido pelos seus professores, o filósofo distingue-se por quanto amar a verdade, isto é, pela perseverança em novos estudos, até que possa contribuir, com a modéstia de uma tese, para a arquitectura final de uma obra que a humanidade foi chamada a realizar"<sup>24</sup>. E, assim, enquanto, tendo como objetivo "construir, nunca destruir (...), do estofo de um polemista [premun

<sup>20</sup> O. C., Id., p. 33. Tanto quanto, bem o demonstra, afinal, a fascinante declaração: "Movia-me o desejo de procurar a verdade, sempre evasiva, fugidia ou distante, sem que desesperasse de a encontrar na vida ou na morte. Só na possibilidade rara de ouvir o verbo luminoso de Leonardo Coimbra, apóstolo da verdade e do dever, daria por bem aplicada a minha mocidade, frequentando as aulas da Faculdade de Letras, quaisquer que viessem a ser, no futuro, as consequências insolúveis" (O. C., Id., p. 53).

<sup>21</sup> Aquino, S. Tomás de, *O Ser e a Essência*, "Proêmio", in *Tertuliano – S. Agostinho – S. Anselmo – S. Tomás de Aquino / Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval*, Tradução do original latino por António Soares Pinheiro, Prefácio de José Gama, Faculdade de Filosofia – Braga, 1982, p. 131.

<sup>22</sup> Cf. O. C., Id., p. 32.

<sup>23</sup> O. C., Id., *Ib.*

<sup>24</sup> O. C., Id., *Ib.*

o Mestre] nunca poderá surgir um verdadeiro filósofo, por muito que as multidões prefiram aplaudir os que ofendem, os que vencem e os que triunfam"<sup>25</sup>. Exatamente, por isso, se, por parte do discípulo, impõe tal carreira a disposição para o sacrifício e a adequada iniciação, por parte do mestre, exige-se, também, orientação sábia, leal, empenhada. E, assim, coerentemente, recorda Álvaro Ribeiro, do seu primeiro encontro com o Mestre: "Pedi um livro de iniciação. (...) Leonardo Coimbra aconselhou-me Boirac e Fouillée. 'Leia-os com atenção, e obterá um não desprezível proveito. Depois apareça para conversarmos com mais vagar'"<sup>26</sup>. E, desta forma, a dinâmica mestre-discípulo contrasta, sem dúvida, com a mera relação burocrática professor-aluno, a patentear, obviamente, o novo Mestre e a nova Escola: Leonardo Coimbra e, afinal, a Escola Portuense! "Efectivamente, semanas depois, [continua Álvaro Ribeiro] regresssei à livraria da 'Renascença Portuguesa'. Logo, após os cumprimentos de civilidade, Leonardo Coimbra perguntou-me se perseverava em *querer* ser filósofo. 'Amar é o princípio e o fim da filosofia; seus meios são pensar e conhecer'. Pediu-me que lhe dissesse, sinceramente, se ocultos intentos de vaidade não estavam no fundamento da minha ambição, e com essa pergunta catártica, facilitou-me o advento da confissão adolescente"<sup>27</sup>. E, aqui, e na aproximação do Mestre, conota-nos, felizmente, o novel discípulo, à matemática, e, por ela, à filosofia e ao filosofar, como, enfim, à metafísica.

Desde já, impõe-se-nos lembrar que foi "Influenciado e impelido pelo discurso do Mestre" que se apressou "a comprar o livro *A Ideia de Deus*, assinado por Bruno", como, por sua influência, iria ao encontro de "Amorim Viana, que (...) então desconhecia"<sup>28</sup>, e do seu livro *Defesa do Racionalismo e Análise da Fé*<sup>29</sup>. E se é, realmente, pela dificuldade na compreensão destas obras que se decide a aproximar-se, pessoalmente, de Leonardo Coimbra, é, também, por isso mesmo, que se vai tornar fecundo o diálogo mestre-discípulo, para a compreensão que nos propomos exaurir do fundamento e do sentido das temáticas que aqui apresentamos, em função da heurística e hermenêutica do

<sup>25</sup> O. C., Id., pp. 32-33. E refere: "António Sérgio e Raul Proença foram, na actividade literária, essencialmente polemistas. O espírito que nega, e que se manifesta pela possibilidade de dizer não, conferiu a tais escritores o talento que os tornou notáveis e célebres. (...) Faltava-lhes, porém, pensamento edificante, construtor, criativo, capaz de teorizar nova doutrina acerca do destino do homem, em geral, e do destino do homem português, em particular" (O. C., Id., p. 75).

<sup>26</sup> O. C., Id., p. 33.

<sup>27</sup> O. C., Id., *Ib.*

<sup>28</sup> O. C., Id., p. 24.

<sup>29</sup> O. C., Id., p. 26. E sobre a relação entre Sampaio Bruno e Amorim Viana, escreve Álvaro Ribeiro: "Fora Amorim Viana quem, nos capítulos temerários e negativos de *Defesa do Racionalismo e Análise da Fé*, facultara ao moço admirador de Giordano [Bruno – Cognome que adoptou!] o arsenal dos argumentos dominantes no século iluminista e no século romântico" (O. C., Id., p. 26).

pensamento do Mestre, no âmbito, para já, da Filosofia, da Matemática e da Metafísica, como, finalmente, da Metafísica, da Poesia e da Religião.

Reportando-se a Sampaio Bruno, considera: "Acusa, Sampaio Bruno, os Portugueses, de inadaptação intelectual para a metafísica, o que procura comprovar com documentação histórica, mas em compensação louva-os por haverem revelado talento para a matemática e para a poesia. (...) Posto que, de consenso universal, seja a metafísica a alma da filosofia, a tendência teórica e especulativa dos Portugueses estava subordinada e abafada pelas intenções práticas da moral, da política, da religião e da superstição"<sup>30</sup>. E conotando-se à filosofia do pensador, assinala, nomeadamente: "Pretende, Sampaio Bruno, demonstrar, filosoficamente, que a relação entre Deus e o Mundo não é relação de Criador para Criatura. Por isso assenta as suas baterias polémicas contra o conceito de criação, comparando-o a uma história fútil, semelhante a qualquer narrativa mitológica, e não aceitável pela razão. Na balança da contabilidade racional, Sampaio Bruno paga essa dívida com a admissão, igualmente irracional, do mistério. '*Deus existe*, – exclama triunfantemente, Sampaio Bruno, ao findar o seu belo livro. (...) *Deus existe*, – a humanidade de amanhã só aceitará esta afirmativa quando para ela essa afirmativa revista o carácter da evidência abstracta das matemáticas, da evidência concreta da fisico-química (...). A ideia de Deus cumpre que se torne uma verdade. Acessível, pois humanamente, e humanamente inobjectivável. Assim, portanto, as almas têm de reacender-se no raciocínio; e a fé há-de emergir do cálculo"<sup>31</sup>.

Referindo-se a Amorim Viana, assinala: "Amorim Viana havia sido um matemático célebre, um filósofo racionalista, um estudioso atento dos sistemas de Descartes, Leibniz e Espinosa. (...) Amorim Viana acreditava em Deus, era teísta e deísta, mas fundamentava a sua crença em vigorosos argumentos que lhe eram facultados pela razão"<sup>32</sup>. Para si, "A fé é a adesão do espírito humano a uma verdade revelada, racional ou irracional"<sup>33</sup>. E, assim, "dedicou-se a analisar não a fé, mas os artigos que, até à data, haviam sido propostos pela Igreja Católica e interpretados pelos teólogos do seu tempo. Além de analisá-los, recusou-os e refutou-os, ou julgou refutá-los. O livro de Amorim Viana foi, portanto, anti-religioso, mas, produzido por um verdadeiro filósofo, vale pela sua

<sup>30</sup> O. C., Id., p. 24. Neste entendimento, "No maravilhoso livro especulativo, a que Sampaio Bruno deu o título de *A Ideia de Deus*, compete-nos ver como o pensador deduzia as sete oposições dos seus conceitos, a saber: 'Filosofia e Metafísica; Matemática e Poesia; Superstição e Religião; Teologia e Moral; Contingência e Necessidade; Infinito e Perfeito; Mal e Bem'" (O. C., Id., p. 25). Cf. Bruno, Sampaio, *A Ideia de Deus*, Lello & Irmão – Editores, Porto. D.I. 1987, Índice.

<sup>31</sup> O. C., Id., p. 30.

<sup>32</sup> O. C., Id., p. 26.

<sup>33</sup> O. C., Id., p. 27.

construção doutrinal da essência e da existência de Deus. Amorim Viana era um otimista, admirava profundamente o génio superior de Leibniz, e havia meditado a *Teodiceia*"<sup>34</sup>.

Considerando estas referências a Sampaio Bruno e a Amorim Viana, entenderemos, agora, melhor, a resposta do discípulo à réplica do Mestre, para assim lhe facultar, também, a referida "confissão adolescente"<sup>35</sup>. E relata: "Declarei a Leonardo Coimbra que havia já lido os seus principais livros, com tão dedicada aplicação que me permitiu ficar a saber de cor algumas das frases mais admiráveis de exaltação, ritmo e pensamento. Confessei, todavia, que nas páginas de desenvolvimento das equações matemáticas, encontrava dificuldades que, na condição de estudante liceal, não me seria possível vencer e anular. Não que a matemática me causasse desagrado ou repugnância, antes pelo contrário; movia-me a pressa de transpor imediatamente para noções metafísicas todos os artifícios de cálculo que me proporia estudar depois de cumprir os deveres da escolaridade secundária"<sup>36</sup>. E, deste modo, se "Esta minha confiança na certeza matemática foi em breve abalada pela argumentação irresponsável de Leonardo Coimbra"<sup>37</sup>, tal não significou, senão, que, para o Mestre, "O estudo da matemática sem a filosofia torna o espírito frio, estéril e ácido, porque rebelde às hipóteses indispensáveis para passar da matemática pura para a matemática aplicada, e, também, para transitar da quantidade para a qualidade, quando a ciência exigir a interpretação indispensável das outras dimensões Intelectuais do ser. O que mais importa é filosofar, repetia, Leonardo Coimbra, uma das célebres frases de Plotino"<sup>38</sup>. De resto, "Logo em uma das primeiras páginas de *O Criacionismo* citava, Leonardo Coimbra, um texto de Henrique Poincaré, que muito discutira o significado, a utilidade e o valor da matemática"<sup>39</sup>. Realmente, "Leonardo Coimbra sabia muito bem quanto é perigoso, para um adolescente, fixar-se prematuramente na predileção por uma só disciplina absorvente e exigente de exclusividade, capaz de devorar uma mentalidade que se ossifica ou cousifica para sempre. Ele sabia e ensinava que cada ciência tem, além do valor próprio, a função útil de servir a ciência imediata, para a situar na alvenaria propícia às construções filosóficas"<sup>40</sup>.

Enfim, o discípulo, ruma, inteligivelmente (!), à estrela do Mestre: "Leonardo Coimbra, apesar das suas frases de despeito contra as matemáticas,

<sup>34</sup> O. C., Id., *Ib.*

<sup>35</sup> Cf. O. C., Id., p. 33.

<sup>36</sup> O. C. Id., pp. 33-34.

<sup>37</sup> O. C., Id., p. 40.

<sup>38</sup> O. C., Id., p. 41.

<sup>39</sup> O. C., Id., *Ib.*

<sup>40</sup> O. C., Id., p. 50.

e de desdém da matemática, permanecia fiel ao tipo de representação e ao tipo de explicação do pensamento pitagórico-platónico, predominantemente idealista, e afastava-se do pensamento aristotélico e democrático, predominantemente naturalista. A influência das matemáticas superiores, com as disciplinas das funções e das séries, dos movimentos e dos limites, é perfeitamente notável num pensador preocupado com a distinção entre o infinito matemático e o infinito metafísico, como se lê na permutação frequente do adjectivo com o substantivo. Ao infinito opõe Leonardo Coimbra o nada, representado pelo zero absoluto em oposição ao zero relativo (...)”<sup>41</sup>. Coerentemente, “A oposição entre o Infinito e o Nada avulta em muitos textos dos livros de Leonardo Coimbra, como transição lógica da matemática para a metafísica, ou como uma constante de pensamento. A analogia entre o Infinito e o Bem, a analogia entre o Nada e o Mal, conjugam-se com a distinção entre o Criador e a Criatura”<sup>42</sup>. E, desta forma verdadeiramente notável, conclui, lapidarmente, o discípulo de Leonardo Coimbra: “Temos este esquema mnemónico por uma chave útil para quem pretender aprofundar a filosofia de Leonardo Coimbra, em busca do seu aspecto original e inédito”<sup>43</sup>.

## 2.2. Metafísica, Poesia e Religião

Ainda na alçada da matemática, relembra Álvaro Ribeiro: “Outro matemático ilustre, a quem confessei a minha invencível tristeza de não entender alguns conceitos superiores que Leonardo Coimbra expunha nas páginas mais difíceis dos seus livros didácticos, foi o Dr. Augusto Martins, que havia assumido a responsabilidade administrativa da sociedade ‘Renascença Portuguesa’”<sup>44</sup>. Ora, “Entre os dois professores amigos, Augusto Martins e Leonardo Coimbra, travavam-se diálogos por vezes interessantíssimos sobre a significação e o valor das doutrinas de Einstein. Ambos admiradores de Henrique Bergson e de Henrique Poincaré, discordavam entre si, não tanto por juízos de ordem científica, mas por motivos de ordem metafísica e religiosa, ocultos no fundo do problema. Eu assistia mudo, perplexo e indouto a essas e outras discussões, que frequentemente surgiam na improvisada tertúlia da ‘Renascença Portuguesa’”<sup>45</sup>. Nesta evocação, anota o discípulo a intervenção

<sup>41</sup> O. C., Id., p. 47.

<sup>42</sup> O. C., Id., p. 48.

<sup>43</sup> O. C., Id., *Ib.*

<sup>44</sup> O. C., Id., p. 53.

<sup>45</sup> O. C., Id., p. 54. E chega a anotar: “Leonardo Coimbra assumia na ‘Renascença Portuguesa’ uma posição singular. A sua filosofia criacionista, e portanto futurista, era então incompatível com o ‘saudosismo’ de Teixeira de Pascoais. Assim, logo em *O Criacionismo* protestou contra o erro cousista

inédita do Mestre, nos seguintes termos: “– Vai para casa ler os poetas, – insistia Leonardo Coimbra ao ver-me curioso, cobiçoso, concupiscente de certas matemáticas”<sup>46</sup>. E sobreleva: “Habituei-me, então, a ir comparecendo na sede da ‘Renascença Portuguesa’, de que era sócio, para ir comprando os livros por ela editados, mas também (...) para me justificar da intenção mais secreta que era a de ouvir a lição de Leonardo Coimbra, e, também, a dos seus contertúlios”<sup>47</sup>. Era, enfim, a Escola do Mestre! É que, como realça o discípulo: “Leonardo Coimbra possuía, como mais ninguém, o talento de elevar os temas das conversas (...) passando do juízo para o conceito, a transferir o pensamento demasiado humano para a região etérea, ou eterna, onde a complementaridade das ideias prefigurava o amor divino”<sup>48</sup>. Em verdade – conclui –, “De Leonardo Coimbra se poderia dizer o que foi dito de Antero de Quental, a saber que a acção comunicativa da sua palavra filosófica parecia ter o condão de abrir a inteligência de quantos o ouviam, como se também fossem, como o poeta, homens superiores”<sup>49</sup>.

De facto, no entendimento do discípulo, “A palavra era, para Leonardo Coimbra, um mistério, o que equivale a dizer uma causa oculta, mas religiosa, de que o poeta recebe as graças. A respectiva doutrina está patente em claros aforismos, logicamente ordenados, no livro central da obra filosófica”<sup>50</sup>. E proclama, com exemplar clarividência: “Ao autor de *O Criacionismo* não era desconhecida a etimologia da palavra poesia, que significa criação”<sup>51</sup>. E se, assim, “No acto poético se revela a potência predominante da alma do artista, pelo que a análise literária permite um rumo de investigação psicológica, indispensável para um estudo mais elevado”<sup>52</sup>, então, “Do exposto é lícito inferir que a poesia superior seja sempre, e haja sempre sido, a poesia filosófica”<sup>53</sup>.

a que anda ligada a ideia de tempo. ‘A morte das pessoas queridas, o envelhecimento próprio, o refluxo das almas que vivem a relembrar, a saudade, tudo concorre para fazer desta noção, em cada momento dialéctico determinado e diferente, uma Substância’ (1). Já a palavra *renascença*, sinónimo de segundo nascimento e até de ressurreição, lhe parecia inteiramente admissível e integrável. (...). ‘Pode haver renascença no próprio espírito de um povo, quando este, descaracterizado por influências estranhas, procura o seu verdadeiro espírito. É este o aspecto da alvorescente ‘Renascença Portuguesa’(2)’ (*O. C.*, Id., pp. 73-74. Em notas: “(1) *O Criacionismo*, 132; (2) *O Criacionismo*, 158”.

<sup>46</sup> *O. C.*, Id., p. 55.

<sup>47</sup> *O. C.*, Id., pp. 55.

<sup>48</sup> *O. C.*, Id., *Ib.*

<sup>49</sup> *O. C.*, Id., *Ib.*

<sup>50</sup> *O. C.*, Id., p. 57. Cf. nota: “(1) *A Alegria, a Dor e a Graça*, 64-76”.

<sup>51</sup> *O. C.*, Id., *Ib.*

<sup>52</sup> *O. C.*, Id., p. 58.

<sup>53</sup> *O. C.*, Id., *Ib.* E o discípulo chega, mesmo, a afirmar: “A obra de Leonardo Coimbra documenta e prova a relação constante entre a poesia e a filosofia, entre a poesia portuguesa e a filosofia portuguesa” (*O. C.*, III, p. 48).

Nesta leitura, termina por convir o discípulo, fazendo jus ao Mestre: "Leonardo Coimbra, ao relacionar a ciência com a filosofia, e a arte com a moral, nas últimas páginas de *O Criacionismo*, procedeu a uma bela exegese das melhores atitudes dos poetas da sua geração. [Pelo que, assim] Caracteriza, sucessivamente, as atitudes poéticas de Afonso Duarte, Lopes Vieira, Teixeira de Pascoais, Augusto Casimiro, Correia de Oliveira e Jaime Cortesão"<sup>54</sup>. E, "Em artigos dispersos por várias revistas portuenses, havia já notado o carácter surpreendente da nova poesia portuguesa que, inspirada na Natureza ou na História, se revelava como profética e messiânica, mas também como metafísica e sobrenatural"<sup>55</sup>.

Deste modo, e sendo certo que "Ao lado das estafadas expressões de classicismo, romantismo, realismo e simbolismo (...) surgem os termos de paganismo, panteísmo, transcendentalismo, para realizar a interpretação, a exegese e a hermenêutica da nova poesia portuguesa"<sup>56</sup>, certo é também que, "Dentro deste quadro, que além do mais significava uma profunda revolução cultural", garante Álvaro Ribeiro, evocando Fernando Pessoa, que "o futuro autor da *Mensagem* tinha a intuição de que o maior valor literário da sua geração, havia de ser um filósofo e não um poeta"<sup>57</sup>! E realça, de imediato: "O lirismo metafísico de Leonardo Coimbra, manifestado e documentado em várias páginas de revistas, condensa-se e concretiza-se num livro publicado em 1922 com o título de *Adoração, Cânticos de Amor* (1)"<sup>58</sup>. Mais: "Em sucessivos actos de sublimação do lirismo pela metafísica, ou até de lirismo metafísico, (...) o poeta alcançou a perfeição da maturidade. Se o amor foi um tema predominante na meditação do artista, ele atinge, na obra poética, algumas teses cujos teoremas só aparecem claramente demonstrados na obra filosófica. É um amor contemplativo e agradecido (...) e agraciado dos bens que confortam e regozijam a alma do poeta. É um amor que se exprime por invocações, que se explica por atributos religiosos, que se completa por analogias transcendentais. É um amor cheio de sabedoria que o homem transmite e comunica, em claras sentenças versiculadas, para que a alegria da sensação adquira sinal precursor da vida religiosa"<sup>59</sup>. E, assim, quer pela aproximação

<sup>54</sup> O. C., Id., p. 61.

<sup>55</sup> O. C., Id., *Ib.*

<sup>56</sup> O. C., Id., pp. 61-62.

<sup>57</sup> O. C., Id., p. 62.

<sup>58</sup> O. C., Id., *Ib.* Em nota: "(1) Edição do Autor. Oficinas tipográficas de *A Tribuna*. 2.<sup>a</sup> edição, publicada sem data, pela Editorial Delfos, de Lisboa, com um prefácio de Ana Hatherly." (O. C., Id., *Ib.*).

<sup>59</sup> O. C., Id., *Ib.* Inclusive, em sequência, e em linguagem poética, podemos ler: "A narrativa do encontro, à hora crepuscular que significa o temor da Noite e da Morte, permitirá que o amor

das "alegorias platônicas", quer porque "Escrito com a suavidade da língua portuguesa, tão rica de termos naturalistas, este poema não pode deixar de nos lembrar o *Cântico dos Cânticos*, inserto na miscelânea bíblica"<sup>60</sup>! E conclui: "Certo é, porém, que a interpretação filosófica da nossa poesia foi sempre uma das preocupações constantes de Leonardo Coimbra (...)"<sup>61</sup>.

Assim sendo, se, citando o Mestre, "'A arte diz, como a ciência diz; mas ambas dizendo, falam conceitos, que são potências psíquicas, sugestões para o dinamismo mental'(1)"<sup>62</sup>, tal ocorre, enquanto, nas suas palavras, "A arte, enquadrada na filosofia de Leonardo Coimbra, existe para auxiliar o homem no seu 'esforço para a consciência', e cada artista vale pela parcela com que contribui para o progresso intelectual da humanidade"<sup>63</sup>.

Coerentemente, na tertúlia como na sala de aula, sempre "*A didáctica era, para Leonardo Coimbra, o diálogo*"<sup>64</sup>. "Começava muitas vezes a sua lição pela narrativa interessante, envolvente ou empolgante de uma obra literária (...). Na tragédia helénica e na tragédia eslava colhia os seus exemplos preferidos, e com alta eloquência tão bem resumia a *Antígona* de Sófocles como o *Crime e Castigo* de Dostoiéwsky. Depois, explicava a dialéctica implícita nessas obras de arte, para expor, à luz da inteligência, a ideia metafísica e o valor ontológico de doutrinas que só logram a verdade no momento propício da revelação cristã"<sup>65</sup>.

Convicto de que "A criação divina não foi um facto histórico, mas é uma realidade permanente de que pode dar testemunho actual a palavra

se realize como uma viagem comum, por entre a transparência e a luminosidade da revelação de Deus", *O. C.*, Id., p. 63). Conotando-se à fenomenologia da morte, na evocação dos livros do Mestre *A Morte* e *A Luta pela Imortalidade*, refere, oportunamente, Álvaro Ribeiro: "A fenomenologia da morte remete para a ontologia da alma, ou da memória, no teor tradicional das doutrinas espiritualistas (1). Assim se propõem, assim se compõem, argumentos favoráveis à tese sagrada da imortalidade ou da sobrevivência da alma. Ela exige uma religiosidade coerente e consistente, que está longe de ser abonada pela filosofia moderna e contemporânea" (*O. C.*, III, p. 61. Em nota: "(1) Leonardo Coimbra – *A Morte* – Porto, 1912 – *A Luta pela Imortalidade* – Porto, 1918).

<sup>60</sup> *O. C.*, Id., p. 63. Neste sentido, sobreleva Álvaro Ribeiro, "Só o amor ardente pelo idioma pátrio obriga a falar e a escrever com aquela precisão que as ciências exigem e que a filosofia realiza, no momento ideal da conclusão sistemática" (*O. C.*, III, p. 15).

<sup>61</sup> *O. C.*, Id., *Ib.*

<sup>62</sup> *O. C.*, Id., p. 65. Em nota: "(1) Leonardo Coimbra – *A Luta pela imortalidade* – Renascença Portuguesa – Porto, 1918, Pág. 5".

<sup>63</sup> *O. C.* Id., *Ib.* Pelo que "O Mestre exortava os discípulos a que se esforçassem por exprimir, comunicar e defender o pensamento individual e livre que se opõe à consolidação cousista das instituições. A elevação espiritual exige uma ascese cujos momentos, ou movimentos, podem ser determinados por uma séria psicologia da inteligência" (*O. C.*, III, p. 12).

<sup>64</sup> *O. C.*, Id., p. 115.

<sup>65</sup> *O. C.*, Id., *Ib.*

humana<sup>66</sup>, “O filósofo português, agraciado pela sensibilidade poética e de intuição religiosa, estava atento ao poder *criador* da palavra, da frase e do discurso<sup>67</sup>, tanto quanto “sempre avisou os seus alunos adolescentes e os seus discípulos adultos de que nas obras primas dos grandes filósofos pode subsistir um cousismo implícito ou oculto [!]”<sup>68</sup>. Por isso, “A crítica ao cousismo é uma análise indispensável à síntese filosófica, antecedente da arte, da moral e da religião<sup>69</sup>. E assim, em última análise, “É em Deus, na realidade espiritual ou sobrenatural, transparente ou translúcida para a inteligência superior, que reside a gênese ou a filiação das grandes almas, que vieram sanar e sarar a dolorosa existência dos homens na Terra<sup>70</sup> – chave, enfim, do pensamento, do conhecimento e do amor<sup>71</sup>, e que Álvaro Ribeiro, apocpticamente, tão bem soube intuir como expressar:

“Sem Deus não há filosofia”<sup>72</sup>.

<sup>66</sup> O. C., II, p. 114. E, explicitando, cita o Mestre, referindo o livro *A Alegria, a Dor e a Graça*: “Pode dizer-se que a realidade é o infinito animando o nada. É, neste sentido, que se deve entender a criação; e, neste sentido, ela é contínua e permanente” (O. C., I, p. 49. Em nota: “(1) Obra citada, 175”).

<sup>67</sup> O. C., Id., p. 115.

<sup>68</sup> O. C. Id., p. 118.

<sup>69</sup> O. C., Id., *Ib.* E refere: “Assim se lê nas últimas lições compendiadas no livro intitulado *O Criacionismo*” (O. C., Id., *Ib.*).

<sup>70</sup> O. C., Id., pp. 72-73. E, precisando, chega a escrever: “Leonardo Coimbra, orador, foi a pouco e pouco vendo a função criadora do verbo (...). Depurando a magia de todo o natural barbarismo, pela acção sublimante do espírito, viu bem a intenção poética da oração mental e da oração ritual, precursora dos sacramentos litúrgicos” (O. C., Id., p. 116). E refere, ainda, o discípulo: “Leonardo Coimbra acreditava na eficácia da oração. Efetivamente, o solitário que reza com íntima sinceridade e ardente piedade, logo se sente acompanhado por Alguém e intui a verdade religiosa de que não estamos sós. Embora não nos responda imediatamente, – Deus realiza na alma do crente uma doce pacificação de resultados comparáveis a bem-aventuranças” (O. C., Id., III, p. 49).

<sup>71</sup> Tanto quanto assim poderíamos apontar, no parecer do discípulo, para a compreensão do sistema filosófico de Leonardo Coimbra, que, “tal como *O Criacionismo*, poderá ser dividido, para projecção didáctica, em três capítulos, três disciplinas, ou três ciências: uma teoria do pensamento, uma teoria do conhecimento, uma teoria do amor” (cf. O. C., Id., *Ib.*, pp. 118-119). E, assim, sem esquecer, em simultâneo, o que também evoca o discípulo: “Ciente e consciente dos conceitos metafísicos e dos valores estéticos que surgiram durante a apressada laboração de um pensamento original, Leonardo Coimbra atreveu-se a conferir ao seu primeiro livro o título insólito de *O Criacionismo*, seguido de um subtítulo ambicioso *Esboço de um sistema filosófico*” (O. C., Id., p. 113).

<sup>72</sup> O. C., III, p. 75.

### *Ad Memoriam*

Para concluir, apenas duas referências muito breves:

1. O nosso sincero reconhecimento à Faculdade de Teologia e ao Centro de Estudos do Pensamento Português (CEPP), pelo simpático convite de participação neste número especial de *Humanística e Teologia*, em justa homenagem ao Reverendíssimo Professor Catedrático Arnaldo Cardoso de Pinho, também Fundador e Diretor do CEPP, no ano académico da sua bem significativa Jubilação!
2. A temática proposta e felizmente aceite do trabalho que, timidamente, mas com imenso gosto, aqui apresentamos, significa, ao mesmo tempo, a nossa sentida satisfação pela homenagem não menos justa e também felizmente promovida, no ano de 2012, pela referida Faculdade de Teologia e pelo Centro de Estudos do Pensamento Português, ao Mestre sempre presente Leonardo Coimbra e assim, afinal, à Escola Portuense, no Centenário da publicação do valiosíssimo livro *O Criacionismo!* Sim! Deve representar, deveras, para todos nós, e, particularmente, para o Centro do Porto da Católica, honra insigne (!), a tutela, como a conservação, a certificação e a publicação do Espólio de tão grande Mestre!